

ANTOLOGIA GREGA DE BARACAT JÚNIOR

José C. Baracat Júnior

Livro V

V.131 – Filodemo

Ψαλμὸς καὶ λαλιὴ καὶ κωτίλον ὄμμα καὶ ῥῆδῃ
Ξανθίππης καὶ πῦρ ἄρτι καταρχόμενον,
ὦ ψυχὴ, φλέξει σε· τὸ δ' ἐκ τίνος ἢ πότε καὶ πῶς
οὐκ οἶδα· γνώση, δύσμορε, τυφομένη.

O dedilhado a fala os olhos tagarelas o canto
o fogo de recém-ignição de Xantipa
- ai, minh'alma! – irão te flambar: por quê? quando? como?
não sei: mas tu saberás, malfadada, quando fumegares.

V.134 – Posidipo

Κεκροπί, ῥαῖνε, λάγυνε, πολύδροσον ικμάδα Βάκχου,
ῥαῖνε, δροσιζέσθω συμβολικὴ πρόποσις.
σιγάσθω Ζήνων ὁ σοφὸς κύκνος ἃ τε Κλεάνθους
μοῦσα· μέλοι δ' ἡμῖν ὁ γλυκύπικρος Ἔρως.

Jorra, jarro cecrópida, o rociosíssimo sangue de Baco,
jorra! seja rocioso o brinde costumeiro.
Calem-se o sábio cisne Zenão e a Musa de Cleantes:
queremos apenas o agridoce Eros!

V.135 – Anônimo

Στρογγύλη, εὐτόρνευτε, μονούατε, μακροτράχηλε,
ὕψαύχην στεινῶ φθεγγομένη στόματι,
Βάκχου καὶ Μουσέων ἰλαρὴ λάτρι καὶ Κυθερείης,
ἡδύγελως, τερπνὴ συμβολικῶν ταμίη,
τίφθ', ὅποταν νήφω, μεθύεις σύ μοι, ἦν δὲ μεθυσθῶ,
ἐκνήφεις; ἀδικεῖς συμποτικὴν φιλήν.

Redondinha, torneadinha, com uma asinha, pescoço
altão, balbuciando com tua boquinha pequeninha,
aia gracinha de Baco e das Musas e de Citérea,
riso doce, deliciosa dispenseira da nossa turma,
por que é que, se estou sóbrio, estás ébria, e se o ébrio sou,
voltas a estar sóbria? Tu desrespeitas os bons modos da bebedeira!

V.136 – Meleagro

Ἔγχει καὶ πάλιν εἰπέ, πάλιν, πάλιν “Ἡλιοδώρας”·
εἰπέ, σὺ δ' ἀκρήτῳ τὸ γλυκὺ μίσγ' ὄνομα·
καὶ μοι τὸν βρεχθέντα μύροις, καὶ χθιζὸν ἔοντα,

μναμόσυνον κείνας ἀμφιτίθει στέφανον.
δακρύει φιλέραστον, ἰδοῦ, ῥόδον, οὔνεκα κείναν
ἄλλοθι κού κόλποις ἀμετέροις ἐσορᾷ.

Um brinde! e diz de novo e de novo e de novo: “a Heliodora”;
diz, e mistura esse nome doce com vinho puro;
e me passa a coroa banhada em perfume que,
mesmo sendo de ontem, dela me alembra.
Em prantos está, olha, a rosa amante dos amantes,
porque a vê alhures e não na nossa alcova.

V.137 – Meleagro

Ἔγχει τᾷς Πειθοῦς καὶ Κύπριδος Ἥλιοδώρας
καὶ πάλι τᾷς αὐτᾷς ἀδυλόγου Χάριτος.
αὐτὰ γὰρ μί' ἐμοὶ γράφεται θεός, ἅς τὸ ποθεινὸν
οὔνομ' ἐν ἀκρήτῳ συγκεράσας πίομαι.

Um brinde a Heliodora Peitó e a Heliodora Cípria,
e mais um a ela mesma, a Graça de língua doce.
Ela é para mim deusa única: seu excitante
nome ao vinho puro misturo e bebo.

V.139 – Meleagro

Ἄδὸν μέλος, ναὶ Πᾶνα τὸν Ἀρκάδα, πηκτίδι μέλεις,
Ζηνοφίλα, ναὶ Πᾶν', ἀδὸν κρέκεις τι μέλος.
ποῖ σε φύγω; πάντη με περιστείχουσιν Ἔρωτες,
οὐδ' ὅσον ἀμπνεῦσαι βαιὸν ἐῷσι χρόνον.
ἦ γάρ μοι μορφὰ βάλλει πόθον ἢ πάλι μοῦσα
ἦ χάρις ἦ – τί λέγω; πάντα· πυρὶ φλέγομαι.

Doce canção – sim, por Pã arcádio! – tocas com a lira,
Zenófila – sim, por Pã! –, tanges uma doce canção.
Como fujo de ti? Me cercam por todos os lados os Eroles,
e sequer me dão um segundinho para respirar.
Ai, ou é a beleza que dá tesão, ou a musa,
ou a graça, ou... – que digo? todas! estou pegando fogo!

V.140 – Meleagro

Ἦδυμελεῖς Μοῦσαι σὺν πηκτίδι καὶ Λόγος ἔμφρων
σὺν Πειθοῖ καὶ Ἔρωι Κάλλος ὑφηνιοχῶν,
Ζηνοφίλα, σοὶ σκῆπτρα Πόθων ἀπένειμαν, ἐπεὶ σοὶ
αἱ τρισαὶ Χάριτες τρεῖς ἔδωσαν χάριτας.

As doce-melodiosas Musas e sua lira, o Discurso sensato
com Peitó, e Eros condutor de Beleza,
Zenófila, te concederam o cetro dos Desejos: a ti
as três Graças deram três graças.

V.141 – Meleagro

Ναὶ τὸν Ἔρωτα, θέλω τὸ παρ' οὔασιν Ἥλιοδώρας
φθέγμα κλύειν ἢ τὰς Λατοΐδεω κιθάρας.

Por Eros! Sou mais o sussurro de Heliadora
do que a cítara do filho de Leto nos meus ouvidos!

V.146 – Calímaco

Τέσσαρες αἱ Χάριτες· ποτὶ γὰρ μία ταῖς τρισὶ κείναις
ἄρτι ποτεπλάσθη κῆτι μύροισι νοτεῖ.
εὐαίων ἐν πᾶσιν ἀρίζαλος Βερενίκα,
ᾗς ἄτερ οὐδ' αὐταὶ ταὶ Χάριτες Χάριτες.

Quatro são as Graças: pois além das três, há mais uma,
recém plasmada e ainda garoando perfume:
a mais que todas feliz afortunada Berenice,
sem a qual nem seriam Graças as Graças.

V.147 – Meleagro

Πλέξω λευκόιον, πλέξω δ' ἀπαλὴν ἄμα μύρτοις
νάρκισσον, πλέξω καὶ τὰ γελῶντα κρίνα,
πλέξω καὶ κρόκον ἡδύν· ἐπιπλέξω δ' ὑάκινθον
πορφυρέην, πλέξω καὶ φιλέραστα ῥόδα,
ὥς ἂν ἐπὶ κροτάφοις μυροβοστρύχου Ἥλιοδώρας
εὐπλόκαμον χαίτην ἀνθοβολῇ στέφανος.

Vou plantar violetas brancas,
vou plantar com o mirto o suave narciso,
vou plantar também os ridentes lírios,
vou plantar ainda o prazenteiro croco;
vou plantar depois um jacinto roxinho,
e vou plantar a rosa que amiga dos amantes:
assim,
ao redor das tēmporas,
uma coroa vai florear as madeixas cheias de cachos fofos
da minha Heliadora de mechas cheirosas.

V.148 – Meleagro

Φαμί ποτ' ἐν μύθοις τὰν εὐλαλὸν Ἥλιοδώραν
νικάσιν αὐτὰς τὰς Χάριτας χάρισιν.

Afianço que um dia os mitos contarão:
vence Heliadora língua-doce,
por suas graças, às próprias Graças.

V.149 – Meleagro

Τίς μοι Ζηνοφίλαν λαλιὰν παρέδειξεν ἑταίραν;
τίς μίαν ἐκ τρισσῶν ἤγαγέ μοι Χάρिता;
ἄρ' ἐτύμως ἀνὴρ κεχαρισμένον ἄνυσεν ἔργον
δῶρα διδοὺς καὐτὰν τὰν Χάριν ἐν χάριτι.

Quem me mostrou Zenófila, minha putinha tagarela?
Quem me trouxe uma das três Graças?
Foi um cara – verdadeiramente! – gracioso,
ele me agraciou com essa benesse:
a própria Graça para a minha graça!

Livro VII

VII.317 – Calímaco

Τίμων (οὐ γὰρ ἔτ' ἐσσί), τί τοι, σκότος ἢ φάος, ἐχθρόν;
‘τὸ σκότος’ ὑμέων γὰρ πλείονες εἰν Αἴδη

“Tímon (pois já não vives): treva ou luz odeias?”
“Treva: mais numerosos sois no Hades”.

VII.318 – Calímaco

Μὴ χαίρειν εἵπης με, κακὸν κέαρ, ἀλλὰ πάρελθε·
ἴσον ἐμοὶ χαίρειν ἐστὶ τὸ μὴ σὲ πελᾶν³³.

Não me digas “olá”, cancro-cor, vade retro:
“Olá” p'ra mim é ver-te pelas costas.

VII.525 – Calímaco

Ὅστις ἐμὸν παρὰ σῆμα φέρεις πόδα, Καλλιμάχου με
ἴσθι Κυρηναίου παῖδά τε καὶ γενέτην.
εἰδείης δ' ἄμφω κεν· ὁ μὲν κοτε πατρίδος ὄπλων
ἤρξεν, ὁ δ' ἤεισεν κρέσσονα βασκανίης
οὐ νέμεσις· Μοῦσαι γὰρ ὅσους ἴδον ὄμματι παῖδας
ἄχρι βίου πολιοῦς οὐκ ἀπέθεντο φίλους.

Tu que por minha tumba andas, eu de Calímaco,
sabe, sou filho e pai – Cirene é a terra.
Conheces ambos: um de exércitos da pátria
chefe; poeta além de inveja o outro.
Justo: pois, quando zelum Musas por criança,
são-lhe amigas até tornar-se gris.

³³ Lê-se πελᾶν, proposto por Jacobs, em vez de γελᾶν, presente nos manuscritos.

Como citar este texto (ABNT):

BARACAT JR., J. C. Antologia grega de José Carlos Baracat Júnior. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, n. 44, jan./jul., p. 42-45, 2019.